



Na fase áurea da nossa era do rádio, uma revista era leitura obrigatória todas as semanas: a *Revista do Rádio*. Naqueles anos dourados, os fãs buscavam na revista de Anselmo Domingos as últimas e excitantes fofocas sobre os astros e as estrelas do nosso rádio. Hoje, a *Revista do Rádio* transformou-se em fonte imprescindível da história cultural do povo brasileiro, pois, de uma forma ou de outra, documentou a evolução e o declínio (destroado pela televisão) de um poderoso veículo de comunicação de massa, o rádio, e registrou um momento significativo da formação da classe artística e da própria sociedade brasileira.

Ídolos como Marlene, Emilinha Borba, Cauby Peixoto, Francisco Alves, Orlando Silva, Dalva de Oliveira e Angela Maria, todos, por sinal, da Rádio Nacional, desfrutaram de uma popularidade maciça e apaixonada, sem comparação possível à de qualquer cantor dos nossos dias. Os fãs-clubes daqueles astros e estrelas aí estão, ainda hoje, a testemunhar que, passados tantos anos, a magia ainda não se apagou. E, pelo visto, jamais se apagará.

Sucesso especial da *Revista do Rádio* era a seção “Mexericos da Candinha”, figura fictícia que, ao longo dos anos, apresentou diversas estampas: em 1958, por exemplo, o desenho que ilustrava a coluna exibía uma mulher meio gorducha e sé-

ria, que lembrava uma austera diretora de escola primária; em 1960, Candinha rejuvenesceu e perdeu peso, passando a usar óculos escuros estilo gatinho e batom nos lábios carnudos. Na verdade, quem redigia os mexericos era o próprio chefe de redação, Borelli Filho. As fofocas eram recolhidas por Max Gold, mas todos na redação contribuíam. Era uma festa. Os redatores sabiam perfeitamente que os artistas chariam caso não fossem vítimas do doce veneno da Candinha, como se o preço do sucesso também fosse esse. E era.

As fofocas da Candinha, vistas pelo prisma atual, eram deliciosamente ingênuas, embora, por vezes, tenham criado problemas domésticos ou públicos para os envolvidos. No geral, as fofocas giravam em torno dos gostos dos ídolos, dos salários que eles recebiam, ou iam receber, dos carros que haviam comprado, ou recebido de presente (“de quem? de quem?”), da informação mais ou menos velada de que determinado radioator estava apaixonado por uma famosa radioatriz, essas coisas. Candinha sabia até onde podia ir, o limite entre o que era, ou não, permitido e aceito pelos próprios personagens dos mexericos. Em mais de vinte anos de fofocas e quejandos, Candinha – ou seja, a *Revista do Rádio* – jamais recebeu um processo pela proa.

Bem verdade que a Candinha não era tola, nem inteiramente alienada: não é que

inseriu nos seus mexericos algumas notas políticas, as quais, inócuas na década de 1950, poderiam criar dificuldades no pós-64? No dia 2 de agosto de 1958, por exemplo, ela informou que o líder comunista Luís Carlos Prestes tinha muitos adeptos no rádio (*Revista do Rádio* 464). Duas semanas depois, ela não fez por menos, afirmando que Prestes vinha se reunindo com radialistas em suas casas. Candinha ainda ameaçou entregar todo mundo: “Vale a pena dizer os nomes? Olhem que eu digo...” (*Revista do Rádio* 466). Não disse. No dia 1º de abril de 1964, os locutores César de Alencar, Hamilton Frazão e Celso Teixeira dariam nomes ao que era apenas uma insinuação da Candinha, denunciando à polícia política, como subversivos e comunistas, vários colegas da Rádio Nacional. Muitos foram demitidos e presos.

Apesar de tudo, lidos hoje, os mexericos da Candinha nos fazem rir. Afinal, como não rir da informação de que “Linda Batista voltou ao seu antigo amor, embora contra a vontade de sua mamãe, a querida D. Neném” (*Revista do Rádio* 480) ou de que “Fausto Guimarães comprou um par de sapatos no valor de dois mil cruzeiros” (*Revista do Rádio* 468)?

O riso, nesse caso, é justificável, embora me ocorra de que talvez estejamos, no fundo, rindo de nós mesmos e não dos mexericos. Rindo daquilo em que acreditamos e fomos. Rindo daquilo que, talvez, gostaríamos de voltar a ser.

Revista dos Fans

PUBLICANDO
A VIDA DOS
GRANDES
ARTISTAS

Coletânea dos



01

O novo apartamento do Ivon Cury está quase pronto. Só de decoração a coisa já anda pelos 800 mil cruzeiros. (*Revista do Rádio* 452, 10 de maio de 1958).

02

Quando está em casa, no calor, Emilinha quase não sai do quarto, pois instalou ali um *big* aparelho de refrigeração de ar. Custou quase 200 contos! (*Revista do Rádio* 595, 11 de fevereiro de 1961).

03

Jorge Veiga mais magro, mais elegante. Sabem por quê? Parou com as cervejas. (*Revista do Rádio* 541, 30 de janeiro de 1960).

04

Eu soube que a Nora Ney ganhou 100 mil cruzeiros numa excursão de 10 dias pelo Nordeste. Norinha, meu anjo, você acaba ficando milionária. Deus que a proteja! (*Revista do Rádio* 245, 22 de maio de 1954).

05

Marlene, amor, é verdade que você está gastando 150 mil cruzeiros em roupas de inverno? (*Revista do Rádio* 399, 4 de maio de 1957).

Candinha



mexericos

da Candinha

06

Há um determinado marido de uma cantora que todo fim de semana foge para o Quitandinha... enquanto ela, coitada, viaja para outros lugares trabalhando... (*Revista do Rádio*, 6 de outubro de 1956).

07

Carminha Mascarenhas estava chorando no telefone da rouparia da Nacional. Por que, querida? Nova briga com o Marco Túlio? (*Revista do Rádio* 484, 27 de dezembro de 1958).

08

Ademilde Fonseca subindo, quase todos os dias, a ladeira enorme da sua rua, lá em Bonsucesso. Ou o carro do Osvaldo quebrou, ou eles brigaram mesmo... (*Revista do Rádio* 525, 10 de outubro de 1959).

09

Amália Rodrigues e Rosária Meirelles, duas grandes cantoras. Mas também duas inimigas cordiais. (*Revista do Rádio* 323, 19 de novembro de 1955).

10

Maysa e Angela continuam odiando-se cordialmente. (*Revista do Rádio* 484, 27 de dezembro de 1958).

11

Coincidência ou não, pela terceira vez deparei com a minha querida amiga Ester de Abreu muito triste, como se estivesse com “dodói” no coração. Nova briga com o seu bem?... (*Revista do Rádio* 422, 12 de outubro de 1957).

12

Ivon Cury e Célia Vilela, caladinhos, caladinhos... e completamente apaixonados. Mas, silêncio! Eles não querem que ninguém saiba! (*Revista do Rádio* 464, 2 de agosto de 1958).

13

Descobri qual é o salário de Cauby Peixoto na Rádio Nacional. Vejam só: 10 mil cruzeiros mensais, somente! Mas o Cauby ganha 40 mil por dia em excursões! (*Revista do Rádio* 464, 2 de agosto de 1958).

14

Num determinado apartamento de um determinado radioator o jogo está comendo solto... Até roleta tem... E os vizinhos já estão reclamando... É por ali pelas bandas do Posto 3. (*Revista do Rádio* 464, 2 de agosto de 1958).

15

Um radioator dos mais conhecidos está apaixonado pela Élen de Lima. Depois eu conto pra vocês. (*Revista do Rádio* 480, 29 de novembro de 1958).

16

A "asiática" pegou o nosso Ivon Cury. Mas de outro jeito. Imaginem vocês que ele estava para ganhar um dinheirão em uma porção de cidades argentinas. Mas a "asiática" bateu por lá... e o Ivon teve que voltar depressa. Enjoado, não é? (*Revista do Rádio* 422, 12 de outubro de 1957).

17

Maysa, meu bem, trate de comer menos. Você tá gorda mesmo!... (*Revista do Rádio* 466, 16 de agosto de 1958).

18

Linda Batista voltou ao seu antigo amor, embora contra a vontade de sua mamãe, a querida D. Neném. (*Revista do Rádio* 480, 29 de novembro de 1958).

19

Aquele radioator e aquela radioatriz precisam tomar cuidado. O romance está muito declarado... e ele é chefe de família! (*Revista do Rádio* 466, 16 de agosto de 1958).

20

E aquela radioatriz continua sendo cortejada pelo radioator, que é casado e bem conhecido. Acho que a história vai acabar mal... (*Revista do Rádio* 476, 1º de novembro de 1958).

● **É O QUE
VOCÊ QUERIA !**

**AGORA, EM TÓDAS
AS BANCAS**

**Revista
dos
Fãs**

**PUBLICANDO A VIDA
COMPLETA
DOS GRANDES ARTISTAS!**

Uma edição sempre
emocionante, contando
o que você não sabia!



... e custa somente
cinco cruzeiros !

**VEJA, NO NÚMERO
À VENDA, A VIDA DE**

**CAUBI
PEIXOTO**